



Site do autor: livrosqueardem.com

Do Homem que Era Menos que um Homem

Se o leitor já conheceu um homem absolutamente memorável, peço-lhe que o esqueça por instantes; Paizinho exige menos esforço intelectual. Ele não era um homem — era uma ausência organizada.

Digo-o sem malvadeza : possuía aquela discreta invisibilidade dos objetos de uso diário; era como um candeeiro apagado ao meio-dia — ninguém o nota, mas todos sabem que ocupa um espaço que a física não permite vago.

Na esplanada Boa Malta no mercado Janete — esse purgatório onde as almas aguardam a sua vez de não acontecer — ele sentava-se com a disciplina dos condenados e a ambição dos resignados. Pedia sempre o mesmo:

— Uma 2M.

Nélio o empregado, que já conhecia o ritual, nem anotava. A vida de Paizinho dispensava registros; era toda ela um rascunho.

Certa vez, ousei perguntar-lhe:

— E então, Paizinho, planos para hoje?

Ele olhou-me com uma gravidade que me fez temer uma resposta profunda. Disse apenas:

— Logo se vê.

O leitor compreenderá que esta frase, repetida ao longo dos anos, constituiu a filosofia completa do homem.

Da Ausência que Não Foi Notada (Até Ser)

Ausentei-me para a cidade da Beira, onde o vento tem mais convicções que certos cidadãos. Voltei dois anos depois, e, como quem retorna a um livro mal escrito, encontrei Paizinho, na mesma página — a esplanada.

Não estava.

O leitor talvez suponha que ninguém deu pela falta. Engana-se: deram, sim — não por afeto, mas por hábito. Um dos frequentadores comentou:

— Há dias que o Paizinho não aparece.

Outro, mais filosófico:

— Deve estar por aí.

Era o máximo de inquietação que a ausência de Paizinho podia provocar.

Mas eis que, como certos milagres que não pedimos, ele reapareceu. E não veio só: trouxe consigo uma metamorfose.

Da Metamorfose e do Espanto Alheio

Encontrei-o dias depois, na Boa Malta, mas numa mesa mais vistosa, sob um guarda-sol que parecia proteger não o sol, mas a nova condição social do indivíduo.

— Paizinho?

— Sou eu mesmo — respondeu, com uma segurança que não lhe conhecia.

Na mesa, uma garrafa de Stella Artois suava respeitabilidade. Ao lado, um prato de sushi insinuava uma educação gastronómica recente e suspeita.

— Mudou de hábitos?

Ele sorriu, com aquela volubilidade que só o dinheiro recente sabe produzir:

— A vida exige adaptação.

O leitor, que não se deixa seduzir por frases prontas, compreenderá que tal adaptação raramente é da vida — é do bolso.

As mulheres, que antes o ignoravam com eficiência, agora orbitavam com curiosidade. Não disputavam o homem — disputavam o enigma monetário.

Uma delas, com voz doce, melosa, perguntou:

— Paizinho, sempre gostou de sushi?

Ele hesitou — e nessa hesitação estava toda a verdade:

— Sempre tive curiosidade.

A curiosidade, leitor, é muitas vezes o nome elegante da falta de recursos anteriores.

Das Criaturas Subitamente Afetuosas

O dinheiro, leitor, possui talentos que a filosofia nunca conseguiu imitar. Multiplica pães, desperta amizades e, sobretudo, ressuscita afetos que jaziam mortos havia anos.

Paizinho, que durante décadas atravessara as ruas de Maputo com a invisibilidade de um saco plástico levado pelo vento, tornara-se agora objeto de uma curiosa devoção humana. Mulheres sorriam-lhe com uma doçura quase medicinal; homens apertavam-lhe a mão com fraternidades recém-descobertas, dessas que nascem não no coração, mas na carteira alheia.

A Boa Malta, antes indiferente ao seu silêncio, convertera-se numa corte improvisada. Havia sempre alguém disposto a acompanhá-lo:

— Paizinho, irmão, não deves beber sozinho.

Outro sugeria:

— Precisamos pensar em negócios grandes.

Negócios grandes, leitor, é expressão perigosa. Normalmente significa pequenas inteligências tentando alcançar grandes bolsos.

As mulheres surgiam com delicadezas estratégicas. Uma oferecia conselhos sobre alimentação saudável enquanto observava discretamente o relógio novo dele; outra ria de piadas que, semanas antes, teriam provocado apenas constrangimento e piedade.

Até os homens o tratavam com uma consideração inédita. Chamavam-no “chefe”, “patrão”, “visionário” — palavras que lhe assentavam com a mesma naturalidade de um smoking num bode.

E Paizinho, embriagado não apenas pela Stella, mas pela sensação inédita de importância, começou a financiar almoços, pagar rodadas, emprestar quantias cuja devolução pertencia mais à literatura fantástica que à contabilidade.

— O dinheiro deve circular — dizia ele, com a gravidade de um ministro das finanças alcoolizado.

O leitor experiente compreenderá o perigo: quando um homem solitário descobre subitamente companhia em excesso, geralmente não encontrou amor; encontrou despesas.

Das Fofocas, Essa Ciência Exata

Como todo fenômeno inexplicável, Paizinho exigia investigação. E onde melhor investigar do que na boca alheia?

Foi-me revelado — com o rigor que só a fofoca possui — que a esposa partira para as Europas .

— Problemas de saúde — disse alguém.

— Do casamento — corrigiu outro.

O Atlântico, como bem sabemos, é um excelente terapeuta conjugal: não resolve, mas afasta.

— E a flat? — perguntei.

— Vendida.

Aqui, leitor, começa a verdadeira transfiguração. Ao deixar de ser marido funcional, Paizinho tornou-se gestor do próprio acaso. Converteu o imóvel em liquidez — e a

liquidez em estilo de vida.

Da Geometria do Dinheiro e da Alma

Reencontrei-o numa tarde em que a picanha fumegava com uma dignidade que ele jamais tivera.

— E então, Paizinho, feliz?

Ele cortou um pedaço de carne, pensou um segundo — o que, nele, já era um progresso.

— Estou a viver.

Não contradisse. Há momentos em que a verdade precisa de paciência para se desmentir sozinha.

— E planos?

— Investir — respondeu, com uma gravidade que parecia emprestada.

O leitor, mais experiente que o nosso herói, perceberá que “investir” era apenas uma palavra nova para um hábito antigo: gastar.

Do Pó e da Elevação Social

É aqui que a narrativa entra numa zona que alguns prefeririam ignorar — mas a verdade, como a poeira, infiltra-se.

Observei, numa noite, um gesto discreto. Um movimento rápido. Um lenço. Um nariz.

— Paizinho...?

Ele sorriu, com cumplicidade:

— Coisas da vida moderna.

Se antes o vício era clandestino, agora era quase protocolar. Havia aí algo elegantemente desregrado: o prazer elevado a símbolo de pertença.

Um amigo perguntou-lhe:

— Isso é necessário?

Paizinho respondeu com uma filosofia improvisada:

— Necessário é viver intensamente.

O leitor, que já viu muitas intensidades terminarem em silêncio, compreenderá o destino dessa frase.

Do Desgaste Invisível

O dinheiro, como o entusiasmo, tem prazo de validade. Não se anuncia; insinua-se.

Notei primeiro nos detalhes: a Stella substituída por algo menos pretensioso; o sushi cedendo lugar a pratos mais terrenos; as mulheres, outrora constantes, tornando-se ocasionais.

— Tudo bem, Paizinho?

— Sempre — disse ele.

Mas o “sempre” já não tinha a mesma convicção.

Sentámo-nos, certa tarde, na velha Boa Malta.

— Voltou?

— Nunca saí — respondeu.

E havia verdade nisso. A geografia muda menos que o hábito.

Epílogo: Do Retorno ao Nada

Hoje, Paizinho voltou ao seu estado natural: a invisibilidade.

Não houve anúncio, nem queda dramática — apenas um regresso discreto, como convém às coisas que nunca chegaram verdadeiramente a partir.

Na esplanada Boa Malta, à mesma mesa — ou talvez outra idêntica, que no fundo dá no mesmo — ele senta-se com a pontualidade dos hábitos que não exigem futuro.

Nélio aproxima-se. Não pergunta.

— Uma 2M.

O copo chega. Paizinho segura-o com a mesma indiferença de quem segura o tempo — sem saber o que fazer com ele.

Bebe um gole curto.

Pousa o copo.

Olha em frente.

Nada.

Passa uma mulher. Não olha.

Passa outra. Também não.

O sol desce, como sempre desceu, com a indiferença dos astros bem resolvidos.

— E então? — pergunto, mais por fidelidade à tradição do que por esperança de novidade.

Ele encolhe os ombros. O gesto é antigo, quase arqueológico.

— Logo se vê.

Bebe mais um gole.

Pousa o copo no mesmo lugar exato — ou tão próximo que a diferença não merece registro.

O silêncio instala-se, não como ausência de som, mas como presença de tudo o que nunca aconteceu.

O leitor, que já viu este gesto antes — talvez em Paizinho, talvez em si mesmo — compreenderá que nada terminou.

Nada começou.

Há apenas este movimento mínimo:
o copo que sobe, o copo que desce,
o tempo que passa, sem jamais sair do lugar.

E assim fica Paizinho, praticando com notável disciplina a arte difícil de existir sem nunca ter sido.

E o tempo, leitor — esse velho empregado que não esquece pedidos — continua a servir-lhe, sem pressa, a conta inteira.

FIM